

BENITO PÉREZ GALDÓS: LEITURAS DA SOCIEDADE ESPANHOLA DO SÉCULO XIX

FRANÇA, Juliana de Sá (PG – UNIOESTE)¹

RESUMO: Benito Pérez Galdós foi um perito em usar a literatura para descrever o contexto histórico da segunda metade do século XIX na Espanha, onde convenções tradicionais se confrontavam com estudos científicos. Na obra *Doña Perfecta*, Galdós (1876) explora justamente o universo de contraste entre a vida provinciana, costumes e conservadorismo da sociedade de Orbajosa e as novas idéias do jovem Pepe, que, vindo da capital e não aceitando as regras da província, acaba por morrer em razão de seus conceitos. Já em *Misericórdia* (1897), Pérez Galdós nos permite um contato com a realidade da sociedade da época, na qual eram muito comum a pobreza, a mendicância profissional e a miséria. Esses aspectos revelados ao leitor especialmente nos momentos em que Benina, a protagonista do romance, está na rua, no ambiente externo e público, espaço explorado por Pérez Galdós por meio de descrições primorosas. Em *Doña Perfecta* a protagonista Perfecta Polentinos, pode ser vista como a mais fiel representante do espírito de uma sociedade que se julgava perfeita, mas que, na realidade, era composta por imperfeições. Sob a máscara da bondade, da religiosidade e da simplicidade, estavam ocultos a hipocrisia, a mediocridade e um desmedido fanatismo religioso, que repudiava quaisquer valores e convicções que não estivessem baseados na fé propagada pela Igreja.

PALAVRAS-CHAVE: Realismo/Naturalismo espanhol, Benito Pérez Galdós, *Doña Perfecta* (1876); *Misericórdia* (1897); sociedade espanhola.

RESUMEN: Benito Pérez Galdós fue un perito en usar la literatura para describir el contexto histórico de la segunda mitad del siglo XIX en España, donde las convenciones tradicionales se confrontaban con los estudios de la ciencia. En la obra *Doña Perfecta*, Galdós (1876) explora justamente el universo de diferencias entre la vida provinciana, costumbres y conservadurismo de la sociedad de Orbajosa y las nuevas ideas del joven Pepe, que, viniendo de la capital y no aceptando las reglas de la provincia, acaba muriendo en razón de sus conceptos. Ya en *Misericórdia* (1897), Pérez Galdós nos permite un contacto con la realidad de la sociedad de la época, en que eran muy comunes la pobreza, los mendicantes y la miseria. Esos aspectos son revelados al lector especialmente en los momentos en que Benina, personaje principal del romance, está en la calle, en el ambiente externo y público, espacio explorado por Pérez Galdós por medio de descripciones primorosas. En *Doña Perfecta* la protagonista, Perfecta Polentinos, puede ser vista como la más fiel representante del espíritu de una sociedad que se creía perfecta, pero que, en realidad, era compuesta por imperfecciones. Bajo el disfraz de la bondad, de la religiosidad y de la sencillez, estaban ocultos la hipocresía, la mediocridad y un desmedido fanatismo religioso, que repudiaba cualesquier valores y convicciones que no estuvieran basados en la fe de la Iglesia.

PALABRAS-CLAVE: Realismo/Naturalismo español, Benito Pérez Galdós, *Doña Perfecta* (1876),

Benito Pérez Galdós é um dos autores espanhóis mais representativos do período do Realismo/Naturalismo, chegando a ser comparado a grandes nomes como o francês Balzac e o inglês Dickens. Entre suas principais obras pode-se citar: *Doña Perfecta* (1876); *La Desheredada* (1881), *Tormento* (1884), *Fortunata y Jacinta* (1886-1887), *Tristana* (1892), *Nazarín* (1895) e *Misericórdia* (1897). Este conjunto de obras insere o que o realismo/naturalismo espanhol, apesar de não ser expressivo como em outras literaturas – como a francesa e a inglesa, por exemplo – apresenta de mais significativo. Muitas destas obras, como é o caso de *Doña Perfecta* e *Misericórdia* que aqui abordaremos de forma mais direta, apresentam como protagonistas mulheres configuradas de forma bastante realista. Com um texto voltado para a representação das camadas subalternas da sociedade, estes romances agem como se fossem uma denúncia. Neles as mulheres se enfrentam com a dura realidade de uma sociedade regida por valores masculinos, relegando à mulher funções e espaços distanciados da vida pública, além de impor-lhes regras de comportamento subordinadas, especialmente, à caridade religiosa e a servidão doméstica. Pérez Galdós, com seu espírito realista, revelou em *Doña Perfecta* um modo de vida marcado por contradições. Quase três séculos depois da Idade Média, a sociedade de Orbajosa, espaço ficcional da obra, demonstra possuir valores semelhantes aos daquele período e mantém características que revelam um grande atraso cultural e intelectual, quando esta é comparada a capital, Madri.

Segundo afirma Ricardo Gullón (1987), as obras de Pérez Galdós poderiam ser definidas como um olhar crítico sobre as relações humanas e sociais, pois em seus romances retratou com realismo a Espanha do século XIX. De tendência progressista e anticlerical, escreveu obras que se desenvolvem com grande objetividade, de modo a evidenciar o constante confronto entre as forças progressistas e as conservadoras, como ocorre nos romances *Doña Perfecta* e *Misericórdia*. O olhar crítico de Galdós não perdoa a insistente e retrógrada manutenção dos ideais medievalistas por grande parte da sociedade espanhola do século XIX e vale-se, de forma especial, da situação da mulher para lançar suas agudas críticas a este sistema social.

Na obra *Doña Perfecta* (1885), por exemplo, narra-se a história de Pepe Rey, jovem engenheiro de idéias progressistas, que chega à cidade episcopal de Orbajosa com a intenção de casar-se com Rosarito, sua prima e filha de Doña Perfecta, viúva apegada às crenças e formas de existência tradicionais e conservadoras, considerada a “Senhora” exemplar da sociedade. O casamento entre os dois, todavia, não se realiza, pois Perfecta é influenciada pelo religioso, Don Inocencio, que pretende casar seu sobrinho Jacinto, jovem advogado, com Rosário.

Em *Doña Perfecta* (1885) vê-se a extensão de vários hábitos, valores e tradições medievalistas ao longo da história da sociedade espanhola, fato destacado nos de

Marcos Antônio Lopes (2001) acerca das relações humanas e das ambigüidades do regime político predominante no Modernismo espanhol: “a Idade Moderna, apesar do conteúdo inovador do Renascimento, ainda conserva ideais e princípios da Idade Média em diversas dimensões da realidade cotidiana e das idéias.” (LOPES, 2001, p. 25).

O olhar crítico do autor não perdoa a insistente e retrógrada manutenção dos ideais medievalistas por grande parte da sociedade espanhola do século XIX e vale-se, de forma especial, da situação da mulher para lançar agudas críticas a este sistema social. Isso se dá ao configurar várias de suas personagens femininas dentro dos padrões renascentistas espanhóis, embora estas estejam inseridas num contexto histórico do final do século XIX.

Sendo assim, Pérez Galdós situa as ações de suas personagens na obra *Doña Perfecta* (1985) num universo que recupera em grande parte este passado espanhol. Orbajosa nada mais é do que uma pequena cidade situada no interior da Espanha, que se julga exemplo de uma “*salutífera atmósfera de honradez*” (PÉREZ GALDÓS, 1985, p. 149). O decorrer da narrativa, entretanto, prova exatamente o contrário. A manipulação clerical, o jogo de interesses, a negação científica e a hipocrisia vão se revelando, pouco a pouco, como alicerces das relações orbajonesas. Todos esses aspectos podem ser percebidos por meio da personagem Perfecta Polentinos, que lado a lado com a Igreja, aparenta ser a grande “senhora feudal” da arcaica cidade. A reprodução mimética de Pérez Galdós se confirma nas palavras de Marcos Antônio Lopes (2001), quando assinala a existência de povoados rurais na Espanha, em tempos modernos, que mantêm “uma cultura regionalista introvertida, profundamente xenófoba, arraigada a seu pequeno território.” (LOPES, 2001, p. II).

O título da narrativa, ao contrário do que a primeira impressão leva a pensar, não se relaciona com uma mulher que é modelo de virtude e de boa índole, mas sim, refere-se a uma mulher que foi perfeita naquilo que as convenções esperavam de um ser do sexo feminino, aparentemente, apegado aos mandamentos cristãos.

Seguindo o modelo de povoado medieval e interiorano, a cidade de Orbajosa apresenta um profundo conservadorismo, manifestado, principalmente, através da influência religiosa, que se observa nas atitudes, comportamentos e valores personificados em *Doña Perfecta*.

Mesmo não possuindo o mesmo poder dos anos de glória que o catolicismo vivenciou na Idade Média, percebe-se que Orbajosa e seus cidadãos têm sua conduta e sistema de vida baseados somente nos preceitos da fé católica. Nem o Renascimento, difundido principalmente do século XIV ao XVI, parece ter afetado os costumes da cidade, que nega tudo aquilo que difere da doutrina ensinada pela Igreja.

A cidade, influenciada pelos dogmas católicos, parece ser o próprio espírito da Contra-Reforma e alicerça todas as suas ações na fé. Tudo que contraria os

dogmas cristãos é tomado como uma atitude atéia e pecaminosa. Doña Perfecta simboliza muito bem esse fanatismo religioso, quando discorda e humilha o próprio sobrinho, um “*hombre de ideas y de inmenso amor a la ciencia*”. (PÉREZ GALDÓS, 1985, p. 30). O senso crítico do romancista leva-o, pois, a recriar este universo espanhol sempre atrelado aos valores e hábitos do passado, negando-se em grande parte a seguir o percurso evolutivo da história que, em outras nações europeias da época, estava produzindo grandes e profundas mudanças na sociedade.

O grande empecilho visto pela senhora Polentinos para a união matrimonial entre Rosário e Pepe residia justamente nas ideias do sobrinho, que se baseavam no cientificismo. A ciência, como os estudos históricos denunciaram, era vista como inimiga da Igreja Católica por propagar preceitos que não se limitavam a simples explicação divina dos fenômenos naturais. Ao abordar esta temática Pérez Galdós põe em destaque uma das mais importantes vertentes do Realismo/Naturalismo. Por meio da configuração discursiva de Doña Perfecta e Pepe Rey, expõe aos leitores por meio de um narrador extradiegético, conforme classifica Gérard Genette (s/d) àquele narrador onisciente - conhecedor de todos os eventos narrados e capaz de se instalar na mente de qualquer um dos personagens para daí emitir suas opiniões -, o embate travado entre religião e ciência, entre tradicionalismo e modernidade, aspectos que darão origem aos movimentos do conservadorismo e liberalismo que, mais tarde, fariam eclodir a guerra civil espanhola. O autor retrata com objetividade o amplo poder de manipulação e influência da Igreja sobre as pessoas, especialmente em localidades menores e mais afastadas dos grandes centros e com ações voltadas especialmente às mulheres e suas funções. Tal embate se manifesta na voz de Doña Perfecta quando esta aconselha:

- *Cuidado, Pepito; te advierto que si hablas mal de nuestra santa iglesia perderemos las amistades. Tú sabes mucho y eres un hombre eminente que de todo entiendes; pero si has de descubrir que esa gran fábrica no es la octava maravilla, guárdate en buen hora tu sabiduría, y no nos saques de bobos [...].* (PÉREZ GALDÓS, 1985, p. 52)

Segundo Lopes (2001), o imaginário social da Época Moderna estava impregnado de misticismo e religiosidade. Por isso, em Orbajosa, Pepe Rey era visto como uma má influência e um sujeito de má índole por todos os cidadãos, não porque tenha tido alguma atitude desonrosa, mas porque era associado à ciência.

O posicionamento tomado pela mulher, que antes via com bons olhos o matrimônio entre sua filha e o engenheiro, deve-se, grande parte, aos conselhos e conversas tidas com Don Inocencio, o qual era amigo íntimo da casa. O clérigo, que escondia o desejo de casar o próprio sobrinho com Rosário, aconselhava secretamente a senhora a colocar-se contra Pepe.

A fé desmedida e os conselhos do amigo e sacerdote Don Inocencio, justificados pela tradição católica, fizeram com que a respeitável senhora, Doña Perfecta, tomasse atitudes nada dignas para uma mulher que era considerada perfeita. As situações constrangedoras, as indiretas e embates verbais em que colocava o sobrinho, tentando afastá-lo da cidade, aos poucos foram cedendo espaço para atitudes com traços de vingança. Uma configuração discursiva que, segundo revelam os estudos de Marcos Antônio Lopes (2001), ajusta-se perfeitamente ao modelo medieval já que então “as vinganças privadas eram um traço marcante das relações humanas.” (LOPES, 2001, p. 16).

Quando Pepe sentia-se ofendido ou incomodado com as palavras que a tia lhe dirigia e decidia manifestar seu descontentamento, a bondosa Dona Polentinos sabia muito bem como desarmar o sobrinho. Para reverter a situação, ela fazia-se de vítima, jurava não ter intenção em aborrecer o sobrinho e pedia-lhe, humildemente, perdão. O engenheiro, sensibilizado pela emotividade da tia, chegava a sentir-se culpado por ter criado uma situação desconfortável. Uma atitude planejada da protagonista e que surtia os efeitos esperados, pois, como descreve o narrador “*al oír esto y al ver la actitud sumisa de su bondadosa tía, Pepe se sintió avergonzado de la dureza de sus anteriores palabras, y procuró serenarse*”. (PÉREZ GALDÓS, 1985, p. 83) O narrador, ao mostrar este lado de falsidade da personalidade de Doña Perfecta, também evidencia sua essência ao revelar suas atitudes mais secretas. A destituição do cargo público que possuía e a má fama do engenheiro em Orbajosa se devem às ações da própria tia que em seu quarto “[...] *redactaba las esquelitas para incitar al juez y al escribano a que embrollaran los pleitos de Pepe Rey, allí armó el lazo en que este perdiera la confianza del Gobierno; allí conferenciaba largamente con D. Inocencio*. (PÉREZ GALDÓS, 1985, p. 282).

Diante de Pepe, todavia, a bondosa senhora simulava uma preocupação maternal, aconselhava o rapaz e fingia usar de sua influência para ajudá-lo a recuperar o emprego que ela mesma havia se ocupado em fazê-lo perder, dizendo-lhe “- *¡Pero ese Gobierno no tiene perdón de Dios! ¡Desairarte a ti! ¿Quieres que yo escriba a Madrid? Tengo allá buenas relaciones y podré conseguir que el Gobierno repare esa falta brutal y te dé una satisfacción*”. (PÉREZ GALDÓS, 1985, p. 109).

Tais atitudes não pesavam na consciência de Doña Polentinos e ela acreditava não manchar seu caráter empregando tais procedimentos, pois tudo se fazia com o apoio de Don Inocencio. Tudo feito em nome da moral e dos bons costumes cristãos. O fanatismo da senhora é tão grande, que ela confessa preferir a morte da própria filha a vê-la casada com um homem adepto do cientificismo: “*Antes que verla esposa de mi sobrino, acepto cuanto de malo pueda pasarle, incluso la muerte*”. (PÉREZ GALDÓS, 1985, p. 236).

Mas não será Rosário quem pagará com a própria vida o preço desse amor proibido. O jovem Pepe Rey será alvejado na horta da casa da tia ao tentar resgatar Rosário. Os disparos partiram da arma de Caballuco, a mando da própria Doña Perfecta, quem sabia perfeitamente tratar-se do sobrinho.

O assassinato do engenheiro foi abafado, saindo diversas versões sobre o caso. Doña Perfecta ficava transtornada quando alguém tocava no assunto e, mais uma vez, dissimulava um profundo pesar, como atesta Don Cayetano em carta a um amigo: *"Empleamos todos los medios de consolarla, y como es buena cristiana, sabe soportar con edificante resignación las mayores desgracias"*. (PÉREZ GALDÓS, 1985, p. 292).

Como se pode perceber, Doña Perfecta era rica, bonita, estimada e viúva. Um novo casamento, caso ela desejasse, poderia acontecer, pois a Igreja permite um segundo enlace matrimonial no caso da morte de um dos cônjuges. Então por que a senhora Polentinos optou pela viuvez? A explicação, novamente, pode ser encontrada na Igreja, pois "era precisamente entre estas mulheres que se afirmava, mesmo que nem sempre ela fosse realizável, a tendência para a 'viuvez casta' que a doutrina eclesiástica exigia e encorajava." (DUBY, 2001, p. 416).

Percebe-se que a "viuvez casta" de Doña Perfecta iria ser interrompida apenas no final da narrativa, após morte de Pepe Rey e a loucura da filha Rosario. Don Inocencio que, pretendia casar o sobrinho Jacinto com a herdeira de Perfecta, viu seus planos desmoronarem com a doença da jovem. A partir daí, pode-se inferir, que o sacerdote aconselhou o sobrinho a conquistar a viúva e a esta para que cedesse às propostas de Jacinto. Novamente, os planos de Don Inocencio foram interrompidos, desta vez pela morte acidental do noivo.

Os conflitos presentes no enredo não são de fundo pessoal, mas sim políticos. As desavenças, representadas pelos personagens, partem da impossibilidade de diálogo com aqueles que possuem um desmedido fanatismo religioso, aceitando como correto e íntegro somente o que se baseia na fé e nos dogmas católicos.

Neste contexto aparece também a obra *Misericórdia*, escrita em 1897, por Benito Pérez Galdós. Nela o autor busca representar fielmente a realidade a partir de um ponto de vista objetivo, onde se rejeita o subjetivismo e a imaginação e se insere personagens principais de classes baixas na narrativa, como a prostituta e o mendigo, uma das principais características do período literário do Realismo/Naturalismo espanhol.

Pérez Galdós cuida da descrição como ferramenta essencial e se lança a retratar gentes, costumes, ruas e praças de Madrid, interiores de casas burguesas e humildes, algo que nos trás informações sobre um contexto histórico cultural que nem mesmo os livros de história nos mostram. Isso porque, de acordo com Río

(1996, p. 304), o autor vê na vida madrilena “*la España del siglo XIX con todos sus cambios y trastornos porque a Madrid acuden gentes de todas las clases e de todos los rincones del país*”. Percebe-se essa descrição eficaz em *Misericórdia*, pois o romancista dedica as primeiras páginas do livro, para descrever o ambiente onde as personagens mais representativas de sua narrativa, os mendigos, desempenham seu ofício, do qual tiram seu sustento. “*Dos caras, como algunas personas, tiene la parroquia de San Sebastián. [...] mejor será decir la iglesia. [...] dos caras que seguramente son más graciosas que bonitas [...]*.” (PÉREZ GALDÓS, 1994, p. 13).

Quando o narrador comenta sobre as duas caras, refere-se àquilo que era pregado pela igreja da época, uma instituição muito respeitada por todo o povo espanhol e, nas palavras de Lobato (1999, p. 25), “*la institución que mayor incidencia ha tenido en las formas de vida de la sociedad española*”. Esta, no entanto, possuía dois lados, “duas caras”, ou seja, ela mesma não vivia o que pregava, como é o caso da pobreza, pregada como virtude, porém não praticada pelas pessoas que viviam dentro dela. Além disso, é ela também quem impõe obediência, mansidão e valores de submissão e caridade às mulheres, motivo pelo qual estas, com exceção de Benina, a protagonista da obra, não conseguiam viver sem o domínio masculino, como é o caso de Doña Paca, senhora a quem Benina servia, que, liberta deste domínio, não consegue sobreviver sem o auxílio da benfeitora, a única personagem feminina da obra que, mesmo seguindo o que era imposto às mulheres pela instituição igreja, consegue sobreviver em uma sociedade onde o poder masculino é tão valorizado. Com o dinheiro que recebia na Igreja Benina sustentava, além de si, a Doña Paca e quem mais precisasse de sua ajuda. Por isso, Rivero - Moreno (2004, p. 144) explica que a mulher espanhola do século XIX é “*promotora, reproductora, transgresora y víctima de las leyes sociales de su entorno [...]. Tiene éxito siempre que se mantenga dentro de los cánones establecidos: la casa, la familia y la iglesia. Es un orden que no debe ser alterado*”.

Todo o trabalho feito por Benina para sustentar aos que estavam ao seu redor nos lembra outra personagem feminina de grande importância para a literatura espanhola: Celestina, protagonista da obra *La Celestina*, escrita em 1492, por Fernando de Rojas. Ambas as personagens são pobres e percorrem mundos sociais distintos, ou seja, freqüentam casas de nobres, como também de marginalizados, permitindo dessa maneira a revelação e descrição dos ambientes, algo que faz com que o leitor compare as diferentes classes que uma sociedade possui. A diferença dessas duas personagens se resume em uma palavra, o amor. Pois, segundo Alonso (2001-2002, p. 75-76), o amor em *La Celestina* é “*por interés económico y para un amor carnal, y en el caso de Nina, el amor es totalmente espiritual y no exige recompensación alguna*”.

Celestina não admite ser pobre, utiliza todas as artimanhas para conseguir dinheiro, não se importa com os que estão a sua volta. Já Benina, apresenta um discurso conformista com a sua realidade e segue até o fim da obra pensando mais nos outros que em si mesma e ainda conformada com a posição que ocupada na vida. Isso é algo que se percebe no seguinte diálogo realizado entre Benina e Doña Paca:

- ¿Te conformas con esta vida?
- *Me conformo, porque no está en mi mano el darme otra [...]*
- *¿Y soportas, además de la miseria, la vergüenza, tanta humillación, deber a todo el mundo [...] vernos perseguidos de tenderos y vendedores?*
- *¡Vaya si lo soporto!... ¡Cada cual, en esta vida, se defiende como puede! [...] Dios no quiere que a nadie se le enfríe el cielo de la boca por no comer, y cuando no nos da dinero, un suponer, nos da la sutileza del caletre para inventar modos de allegar lo que hace falta, sin robarlo [...], eso no.* (PÉREZ GALDÓS, 1994, p. 49).

Com seus sessenta anos, a anciã Benina não reclama. Durante todo o dia ela trabalha e percorre as ruas da cidade como uma flecha, pois “[...] *conservaba su agilidad y viveza, unidas a una perseverancia inagotable*”. (PÉREZ GALDÓS, 1994, p. 44). Tem piedade de todos e até tira o alimento de sua boca para ajudar um velho ou uma criança que está morrendo de fome. Essas características e as situações que a personagem passa remetem facilmente a Cristo. Benina, assim como Cristo, carrega sua cruz e a dos outros sem fraquejar. No entanto, assim como o Salvador, foi criticada e apedrejada por pobres que pediam à ajuda que Benina já não podia dar, visto que, o número de pessoas que iam até ela era grande demais para uma pobre velha mendiga: “[...] *y no tardo en demostrarlo una piedra, ¡pim! Lanzada por mano vigorosa, y que Benina recibió en la paletilla [...]. Al poco rato, ¡pim, pam! Otra y otras*”. (PÉREZ GALDÓS, 1994, p. 212).

Segundo Alonso (2001-2002) as atitudes de Benina fazem com que ela se afaste dos bens mundanos, e isso significa a aproximação com a divindade. Pela misericórdia que rege a sua existência, a personagem, embora inserida em um contexto deprimente e opressor, mostra-se sempre digna e honrada. Tal configuração discursiva faz da personagem feminina de Pérez Galdós, não só a heroína da obra *Misericórdia*, mas também uma grande exceção dentro da realidade retratada pelo Realismo/Naturalismo que, na maioria das vezes, mostra mulheres submissas às convenções sociais, reclusas aos espaços domésticos e dependentes dos homens para sobreviver. Benina é, pois, modelo de mulher trabalhadora, independente e sublime.

A obra de Benito Pérez Galdós, conserva até hoje sua validade, e, apesar de ter sido escrita em uma época passada, seus personagens representam mais que simples estereótipos, eles representam uma ambigüidade que está presente em todos os seres humanos.

NOTAS

- ¹ Mestranda em Letras pelo Programa de Mestrado em Letras: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Cascavel.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Soraya Sádaba. *Espacio y personajes en Misericordia de Benedito Pérez Galdós*. Cuad. Invest. Filol., 27-28 (2001-2002) p. 63-80.
- DUBY, Georges (Org.). *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990.
- DUBY, Georges (Org.). *História da Vida Privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GENETTE, G. *Discurso da Narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins, Lisboa: Vega Universidade, s/d.
- GULLÓN, Ricardo. *Galdós Novelista Moderno*. Madri: Taurus, (1987).
- LOBATO, Jesús Sánchez. Lengua y cultura: La tradición cultura hispánica. In: LOBATO, Jesús Sánchez; at all. (Org.). *Carabela: Lengua y cultura en le aula de español como lengua extranjera. Segunda etapa*. España, Madrid: Sociedade General Española de Librería, S. A., 1999.
- LOPES, Marcos Antônio. *No tempo de reis e feiticeiras*. São Paulo: Scrinium, 2001.
- PÉREZ GALDÓS, Benito. *Doña Perfecta*. Barcelona: Alianza Editorial, 1985.
- PÉREZ GALDÓS, Benito. *Misericórdia*. Clásicos Españoles, Barcelona: Edicionel PML, 1994.
- RÍO, Ángel del. *Historia de la Literatura española desde 1700 hasta nuestros días*. Barcelona, España: Litografía Rosés, 1996.
- RIVERO-MORENO, Yosalida. La novela realista/naturalista y su representación de la mujer. In: *Arizona*: Revista de estudios lingüísticos y literarios. V. 2, n. 1, primavera, 2004, p. 141 – 156.

Texto recebido em: 24.07.2009

Texto aprovado para publicação em 09.10.2009